


VOLUME 3
NÚMERO 3
SET/2019
ISSN 2596-0849



CAUS
CULTURAL

MIMBÓ: ontem e hoje

Página 2 



MOSTEIRO DAS MONJAS

Página 3 



Editorial

A 11ª edição da Revista Cais Cultural, projeto do Laboratório de Leitura e Produção Textual (LPT/CNPq), em parceria com alunos do 3º ano do Colégio Técnico de Floriano/UFPI, aborda a resistência e a luta da Comunidade Quilombola Mimbó, localizada no município de Amarante/PI. Para familiarizar-se ainda mais sobre a história e o vigor do movimento negro, Cais Cultural entrevistou o professor de história Aristides Oliveira. Além disso, dicas de livro, filme e seriado, e reportagem sobre o desconhecido Mosteiro das Monjas Concepcionistas de Floriano/PI, fundado em 1995. Ótima leitura!

Expediente

CRIAÇÃO E CONCEPÇÃO
LPT e 3º ANO DO ENS. MÉDIO

EDITOR

José Ribamar Lopes Batista Jr.

REPORTAGEM

Ana Vitória Cavalcante Saraiva
Diego Vieira da Rocha
Guilherme de Miranda Sousa
Izabella Maria Guimarães Benvindo
Maria Nilma Silva e Sousa
Maycon Santos de Oliveira
Pedro Rubens Ferreira Sousa
Sarah Nunes Veloso
Weverton Aragão da Silva

ENTREVISTA

Barbara Hellen Marques Gonçalves
Denise da Costa Correia

FOTOGRAFIA

Ana Vitória Cavalcante Saraiva
Maria Nilma Silva e Sousa

DICAS

Guilherme de Miranda Sousa

REVISÃO

José Ribamar Lopes Batista Jr.
Denise Tamaê Borges Sato
Sandro Xavier

DIAGRAMAÇÃO

Romano Rocha

CONTATO

caisculturalctf@gmail.com
89 98125-8251

Editora da Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,
espaço Rosa dos Ventos - Ininga
CEP: 64.049-550 - Teresina Piauí

PERIODICIDADE
Trimestral

A RIQUEZA CULTURAL E A RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO

A Comunidade Quilombola Mimbó localiza-se a 22km de Amarante/PI e a 173km da capital Teresina, e está situada próximo ao Rio Canindé e ao Riacho Mimbó, de onde se origina o nome. A Comunidade foi formada a partir de quatro irmãos negros, fugitivos de Pernambuco no período da escravidão, com quatro irmãs que já moravam na região e, conseqüentemente, se alojaram em cavernas no cruzamento dos rios em Amarante/PI.

Essas cavernas eram protegidas por uma área montanhosa. Eles sobreviveram da caça, da pesca, do plantio de cereais e da criação de animais, não mantendo contato com outra civilização por conta do preconceito da época. Até meados dos anos 1950, todos se relacionavam apenas entre si, não aceitando que os filhos se casassem com pessoas de fora. Em 1960, a comunidade teve comunicação com fazendeiros da região.

O povoado, hoje, conta, em sua estrutura, com um terreiro de candomblé, um posto de saúde, que foi denominado Martinho José de Carvalho (em homenagem a um dos fundadores do quilombo), um clube de diversão (Clube Beleza Negra), uma estação digital Zumbi dos Palmares e uma pequena escola de educação básica que vai até a 5ª série do ensino fundamental.

Dona Idelzuita, líder da comunidade, é responsável pela alfabetização das crianças, cuida de todo o ensinamento e também busca conscientizar a todos sobre o preconceito dentro da comunidade, destacando a figura de importante personagem para os negros: o Zumbi dos Palmares. Ele representa um símbolo em nossa pele, em nosso sangue, em nossa existência na comunidade. Devido a gente ser uma comunidade de negros, a sua existência foi de grande importância para a criação dela", aponta Dona

Idelzuita.

Além dessa estrutura, existe também uma igreja católica onde acontecem duas missas por ano, sendo uma delas realizada a cada 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, comemorado pelo povo. Uma data muito respeitada por eles.

A questão cultural é muito presente em cada pessoa. Seus traços advêm de transformações que aconteceram na medida em que o povo da comunidade começou a entrar em contato com outras sociedades, mas nunca perdendo o foco da cultura dos negros, caracterizada no pagode do Mimbó. As mulheres se vestem com turbantes, roupas de cores fortes e estampadas, e os cabelos naturais africanos. As danças afrodescendentes, a religiosidade ligada fortemente ao candomblé e outras manifestações se mantêm até hoje.

Infelizmente, por falta de políticas públicas e de apoio dos governantes, as pessoas da comunidade sofrem pela falta de interesse e de investimento na sua cultura ou em algo que os identifique. Basicamente, eles sobrevivem da agricultura familiar, de pequenos comércios, da criação de animais, e de pequenas visitas de pessoas que desejam conhecer a cultura e aproveitam para fazer doações. Sem nenhum incentivo financeiro do município de Amarante, o pouco que ganham com as visitas à gruta e ao mirante (de onde é possível avistar o rio e o riacho que banham o povoado) é dividido entre todas as atividades tradicionais da comunidade.

Mimbó não representa apenas uma pequena comunidade quilombola, mas a luta de um povo para manter viva a resistência do povo negro, especialmente seus costumes e tradições.



UMA VIDA DEDICADA À CASTIDADE

O Mosteiro das Monjas Concepcionistas de Floriano, hoje com 24 anos, foi fundado em 11 de fevereiro de 1995 pelo frei Dom Fernando Panico. Pertencente à ordem da Imaculada Conceição, as primeiras freiras vieram de Fortaleza, onde passaram três anos morando na casa que existe ao lado do atual mosteiro, por sinal, doada pela Diocese do município de Floriano/PI. É chamado de mosteiro porque o trabalho é interno, diferente de outras irmãs que atuam em hospitais e escolas.

A irmã Maria José do Menino Jesus Nogueira (ou Neise Ribeiro, para os direitos civis) explicou que as monjas, quando se iniciam no noviciado, trocam de nome. Ela, por exemplo, nasceu na cidade de Beberibe, no Ceará, e teve seu primeiro contato com a igreja aos sete anos. Aos 8 anos, foi morar em Fortaleza e continuou frequentando assiduamente a igreja. Aos 15 anos, entrou para o mosteiro da Imaculada Conceição de São José.

No mosteiro, a rotina começa bem cedo: a primeira oração é às 5h, seguida da missa celebrada pelo sacerdote, também chamado de capelão. Nas suas obrigações diárias, todas fazem um voto de silêncio e, durante algumas horas do dia, há uma espécie de intervalo, que é o momento em que elas interagem. Essa rotina acontece todos os dias e acaba somente à noite, por volta das 20h30.

Para o contato com a família e o exterior, todo terceiro domingo de cada mês é liberada a visita da comunidade às freiras, acontecendo em uma espécie de auditório onde foi feita a entrevista com a equipe da Revista Cais Cultural.

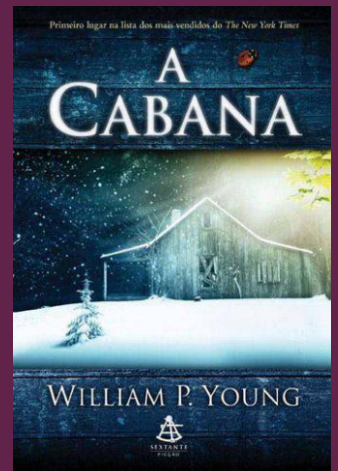
A manutenção financeira é feita por meio da comunidade de Floriano, que, segundo elas, sempre foi muito boa. Também é feita a fabricação de hóstias, que são vendidas para as paróquias de Floriano e região. A administração é feita pela irmã que é a líder delas, a madre. Na oportunidade, a irmã, explicou sobre a "hierarquia": a) Aspirante: tempo em que a candidata está ainda fora do mosteiro em observação; b) Postulante: um ano já dentro do mosteiro, usa uma roupa azul; c) Noviça: dois anos, roupa toda branca; d) Votos Temporários: três anos, já com a roupa usual de freira; e) Votos Perpétuos: como o próprio nome sugere, as vestes continuam as mesmas, mas agora com uma aliança contendo uma cruz.

Nesses 24 anos, houve uma enorme mudança na parte estrutural. Hoje, o mosteiro tem uma estrutura completa, inaugurada em 1998, e conta com acomodações individuais para todas as freiras, auditório, capela, praça recém-inaugurada, entre outros. Essa mudança significativa no mosteiro contou com a valorosa ajuda dos fiéis.

Todo ano há o novenário em festejo a Santa Beatriz, que é a padroeira do mosteiro, que ocorre de 8 a 17 de agosto. Ele é considerado um dos pontos turísticos de Floriano. No entanto, é pouco divulgado e, conseqüentemente, visitado. Para conhecer, o mosteiro fica localizado na Fazenda Melancias - s/n, no Km 4, após o Teatro Cidade Cenográfica.



DICAS



A Cabana

O livro traz uma importante reflexão: se Deus é tão poderoso, por que não faz nada para acalantar nosso sofrimento? Isso surge por conta da dor vivida por Mack Allen Phillips, que, em uma viagem de família, vê a filha caçula sendo raptada e brutalmente assassinada. Após quatro anos, em um inverno rigoroso, Mack recebe um estranho bilhete, aparentemente escrito por Deus, convidando-o a voltar à cabana onde acontecera a tragédia. Ao aceitar o convite, e mesmo revivendo seu mais terrível pesadelo, vive momentos que mudam seu destino para sempre.

The 100

Após um apocalipse nuclear devastar a Terra, cem sobreviventes e integrantes de uma estação espacial retornam, um século depois, para analisar as condições do planeta.

O Céu é de Verdade

Baseado em uma história verídica, o filme retrata a história de Colton, filho do pastor Todd Burpo, que passou por uma delicada cirurgia e conta que, nesse tempo, esteve no céu e passa a relatar situações que não teria como saber. Convicto de que o filho visitou o paraíso, Todd passa a questionar sua própria fé naquilo que pregava até então.

LIVRO

SERIADO

FILME

CAIS CULTURAL ENTREVISTA

Para conhecer mais sobre a história e o movimento de resistência do povo negro, Cais Cultural conversou com o professor de história, Aristides Oliveira.

Cais Cultural: Qual é o significado da expressão quilombo?

Aristides Oliveira: Quilombo vem de uma organização de povoados que teve como seu líder Zumbi dos Palmares, na região da Serra da barriga, em Alagoas. Quilombo é uma espécie de campo de resistência, para onde os escravos fugiam, no século 17, da opressão colonial dos senhores de engenho e da escravidão em si, ou seja, quilombo, basicamente, foi uma área de acolhimento de ex-escravos que viam a terra como núcleo de resistência por onde conseguiam se organizar. Tal organização é chamada de "povoamento".

CC: Se o grande discurso do Brasil é a miscigenação, por que ele não se efetiva na garantia dos direitos para todos?

AO: É só discurso, pois não há uma aplicação prática dessa inclusão social. A estrutura da nossa sociedade brasileira é comandada por uma elite branca que é herdeira desse processo de colonização que vem desde a chegada de Pedro Álvares Cabral até aqui e nunca houve e, provavelmente, nos tempos que estamos vivendo, nunca haverá uma clareza em torno dessas políticas de inclusão social, como, por exemplo, o debate que estamos fazendo em relação à demarcação indígena, pela qual o atual governo quer tirar o direito dos índios de terem acesso a sua própria terra, um direito histórico ancestral. Mas o atual governo está interessado em questões capitalistas, no lucro, na exploração da terra, dentro da dinâmica do latifúndio. Então, a nossa Constituição tem esse discurso, mas sabemos que não funciona. Inclusive, tem até um índio chamado Ailton Krenak que afirma "a Constituição brasileira é circunstancial", ou seja, ela só funciona de acordo com a circunstância interessada de quem tem poder, pois falar é bonito, mas praticar e incluir, que é bom, nada.

CC: Por que é tão grande a dificuldade de aprovar as origens quilombolas?

AO: A história do nosso país é marcadamente racista. Por exemplo, o atual presidente diz que os quilombolas que estão vivos não servem nem pra procriar e que os mais velhos pesam mais de 20 arrobas, ou seja, tratando os negros hoje como escravos. Se o nosso presidente aponta um discurso racista, ele acaba legitimando um discurso de ódio que vai distanciar, cada vez mais, a nossa possibilidade de reconhecer essas comunidades, porque nós sabemos que o Brasil vem de uma trajetória de acontecimentos, entre eles o de trazer os negros de forma forçada, em que não se deram e ainda hoje não se dão oportunidades aos negros desde o fim da escravidão. Eles nunca foram incluídos de forma efetiva no mercado de trabalho, isso implica na falta de reconhecimento das comunidades. Logo, se não temos formações políticas e históricas para entender que os negros são tão iguais quanto os brancos, os amarelos, os azuis, fica difícil haver os reconhecimentos.

CC: Quais eram as formas de resistência praticadas pelos escravos para demonstrar a sua insatisfação?

AO: Existe um livro do João José Reis chamado Negociação em Conflito, que é um dos livros mais importantes para pensarmos em resistência escrava no Brasil. Muitos escravos utilizavam a força, o confronto físico, contra os senhores de engenho. Havia as fugas, que eram muito comuns e constantes nas colônias, e uma das resistências mais tristes era a do suicídio. Havia escravos que se suicidavam, pois não aguentavam a condição do trabalho forçado. Outra resistência interessante era a que os escravos conseguiam convencer os senhores de engenho a ter pequenas porções de terra para produzirem para si. Essa prática

era chamada de "brechas camponesas", pois muitos escravos se "aliaram" aos senhores para sobreviverem, não porque eles queriam ser amigos dos senhores, mas, sim, terem a confiança de terra e, quem sabe, mais na frente, terem até a liberdade. Havia várias formas de resistência, mas as mais comuns eram a violência e o confronto físico, as rebeliões, as fugas coordenadas, principalmente por Zumbi, que foi o principal líder desse movimento de resistência negra.

CC: Como a cultura de Zumbi dos Palmares pode ser vista pelos negros?

AO: Eu acho que a figura do Zumbi pode ser vista como uma referência de resistência e liberdade, tanto é que existe um debate de hoje muito forte, que é em que data comemorar: o 13 de maio ou o 20 de novembro? E hoje nós temos duas datas, a da Lei Áurea, que é uma data que não é legitimada pelo movimento negro, porque ele não entende isso como libertação dos escravos; e o Dia da Consciência Negra, que foi o dia em que mataram Zumbi. Então a figura de Zumbi é importante para mostrar que não só ele, mas como havia negros que não eram passivos no sistema colonial. Até serve de exemplo para a gente não achar que, na história, os escravos e os índios eram totalmente passivos. Eles não aceitavam, eles se rebelaram, e o quilombo é a melhor forma de expressar esse núcleo de resistência contra a violência da colonização.

CC: Quais elementos culturais os negros trouxeram para a formação da identidade nacional?

AO: Samba, capoeira, as vestimentas. O vestuário, como acabei de falar, e a questão do penteado, e, principalmente, eu acho que os negros trouxeram para a gente uma das maiores contribuições que, eu acredito, é a questão musical. Eu acho que, hoje, se nós temos um hip-hop, se nós temos um samba, se nós temos o afoxé, se nós temos uma série de expressões de batuques que vêm dessa herança afro-brasileira, eu acho que a gente tem que valorizar bastante. É um dos pontos que eu mais destaco em relação a essas referências de construção da nossa identidade. A alimentação, que a gente não pode deixar de falar, da feijoada, e por aí vai. A gente tem uma série de outras linguagens artísticas que podemos expressar da cultura negra que nós incorporamos.

CC: Os quilombolas fugiram da escravidão e foram em busca da sobrevivência. Existem elementos que identificam a ação deles como a posse da terra e o reconhecimento dessas localidades como territórios étnicos. O que você acha diante dessas atitudes praticadas por eles?

AO: Eu acho que são práticas extremamente legítimas dentro de um campo de batalha. A gente tem um branco armado que ocupa, invade e toma a terra do índio, toma a terra do negro, nada mais do que a reação. Então eu estou do lado dos quilombolas, estou do lado dos índios. Porque, se nós estamos no meio de uma guerra, temos que trabalhar por essa perspectiva de reação. Então tem que tomar, tem que ocupar e tem que dizer que é "meu". Na verdade, esse direito à terra do negro e do índio é um direito histórico. A gente vê, diariamente, o latifúndio, o empresário do agronegócio tomando conta de terras que, historicamente, são demarcadas como direito desses povos tradicionais. Então eu vejo como uma ação legítima, uma reação que deve ser exposta para mostrar que os negros não estavam pra brincadeira. Ocuparam, tomaram e não deixaram os brancos entrar. Por que quem foi que mandou pegarem eles lá da África? Pois vamos criar outros focos de resistência aqui pra impedir que os brancos, mais uma vez, oprimam esses grupos.

CC: Que frase de reflexão pode ficar?

AO: "A carne mais barata do mercado é a carne negra", da cantora Elza Soares.